

**“O EVANGELHO DE PAULO”: ANÁLISE A PARTIR DO PENSAMENTO DE
JAMES D.G. DUNN**

**“THE GOSPEL OF PAULO”: ANALYSIS FROM THE THOUGHT OF JAMES
D.G. DUNN**

Vicente Artuso¹
Adriano Lazarini Souza dos Santos²

RESUMO

O artigo tem por objetivo explicar alguns aspectos do axioma “Evangelho de Paulo” como é apresentado nas obras de James Dunn. Sua pesquisa destaca aspectos do Evangelho de Paulo, herdados da Escritura e do Evangelho de Cristo. A ruptura com o judaísmo ocorre com a ressurreição de Cristo. De fato, a morte e ressurreição de Cristo inaugura uma nova aliança, nova vida, vida espiritual. O estudo mostra a contribuição de James Dunn em destacar a tensão entre novo e antigo, entre a perspectiva histórico-salvífica e apocalíptica na teologia paulina. As contribuições não se contrapõem. O gênero apocalíptico é comum na tradição judaica e cristã. Assim na nova perspectiva de Paulo, não se acentua a oposição entre judaísmo e cristianismo, fé e obras. O Evangelho de Paulo é boa nova que elimina antagonismos e inclui as diferenças.

Palavras-chave: Perspectiva. Paulo. Evangelho. Jesus. Judaísmo.

ABSTRACT

The article aims to explain some aspects of the "Gospel of Paul" axiom as presented in the works of James Dunn. His research highlights aspects of Paul's Gospel inherited from Scripture and the Gospel of Christ. The break with Judaism occurs with the resurrection of Christ. In fact, the death and resurrection of Christ inaugurates a new covenant, new life,

¹ Doutor em Teologia (PUC Rio). Professor de Teologia da PUC Paraná. E-mail: vicenteartuso@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4431998577146020>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3036-1774>.

² Mestrando em Teologia Bíblica pela Universidade Católica do Paraná. E-mail: adrianoadrn@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4326055609837840>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-5764-2109>.

spiritual life. The study shows James Dunn's contribution in highlighting the tension between new and old, between the historical-salvific and apocalyptic perspective in Pauline theology. Contributions are not opposed. The apocalyptic genre is common in the Jewish and Christian tradition. Thus in Paul's new perspective, the opposition between Judaism and Christianity, faith and works is not accentuated. The Gospel of Paul is good news that eliminates antagonisms and includes differences.

Keywords: Perspective. Paul. Gospel. Jesus. Judaism.

1 INTRODUÇÃO

No século XX por volta dos anos 60, surgia no âmbito anglo-saxão a chamada Nova Perspectiva sobre Paulo (NPP). Seus principais expoentes são Krister Stendahl, Ed Parish Sanders e James D. G. Dunn. São eles respectivamente, arauto, fundador e difusor desta nova corrente (WIESE, 2017, p. 143-144). Ela é divergente da tradicional ótica Reformada focada na justificação pela fé como eixo principal, e baseada no método histórico-crítico. De fato, a ótica tradicional considera fundamental a temática da justificação pela fé, a oposição entre fé e obras da lei. Tenta-se reconstruir e explicitar o pensamento originário do apóstolo Paulo nessas temáticas.

Como predecessores da NPP temos Ferdinand C. Baur, William Wrede, Albert Schweitzer, Werner G. Kümmel e Althaus. Estes exegetas iniciaram com pontuais acenos, a deslocar a temática da justificação pela fé para segundo plano pois evidenciaram algumas fragilidades na interpretação tradicional (WIESE, 2017, p. 144).

James Dunn, fiel aos princípios da NPP traz o conceito de evangelho para o centro do debate na teologia paulina. Este tema “evangelho” parece ser chave hermenêutica de toda a vida e obra do apóstolo Paulo. O presente artigo pretende destacar a contribuição da obra de James Dunn na sua abordagem do conceito “Evangelho de Paulo” e suas notas características na Teologia Paulina. Para esse objetivo, julgamos necessário abordar a origem e significado do termo εὐαγγέλιον no Primeiro e Segundo Testamentos. Em seguida tratamos do assim chamado “Evangelho de Paulo” sob a ótica de James Dunn.

1 EUANGÉLION: ORIGEM E DEFINIÇÕES

O substantivo grego εὐαγγέλιον em geral possui o significado de boas notícias ou ainda de boa nova. A seguir, será apresentado o uso do substantivo e do verbo εὐαγγελίζωμαι no uso profano, no AT e no NT, com especial destaque à perspectiva paulina.

O verbo médio εὐαγγελίζωμαι e o substantivo derivam de ἄγγελος, que significa mensageiro. De acordo com Becker (in COENEN; BROWN, 2007, p. 758) “εὐαγγελος ‘mensageiro’, é aquele que traz uma mensagem de vitória ou quaisquer outras notícias políticas ou pessoais que causam alegria”. Os termos também designaram, no período helenístico, uma pessoa que anunciava oráculos. “Na linguagem cotidiana do homem helenista, *euangélion* significava a boa notícia que todos gostam de ouvir, porque melhorava a qualidade de vida” (GOPPELT, 2003, p. 354).

Friedrich (in KITTEL, 2013, vol.I, p. 297) afirma que εὐαγγέλιον igualmente se tornou terminologia técnica para se referir a notícias de vitória.

Todo um ritual cerca a chegada do mensageiro que traz as boas-novas, p.ex., enfeitar a sua lança com lauréis e coroar a sua cabeça. Sacrifícios também são oferecidos quando as novas chegam, o templo é decorado, um *agon* é feito e as ofertas são coroadas. A boa fortuna é manifesta em palavras, daí a recompensa do mensageiro. O primeiro mensageiro recebe uma recompensa, um mensageiro dilatatório pode ser punido (FRIEDRICH in KITTEL, 2013, p. 297).

É no culto ao imperador, contudo, que o termo εὐαγγέλιον e o verbo εὐαγγελίζωμαι terão seu horizonte semântico ampliado, chegando a ser, segundo alguns estudiosos, o ponto de referência de onde se originou o uso cristão dessas expressões. Segundo Becker (in COENEN; BROWN, 2007, p. 758),

nesta última esfera, as notícias do nascimento do soberano divino, da sua maioridade, ou sua entronização, bem como dos seus discursos, decretos e atos são boas novas que trazem o cumprimento, há tanto tempo almejado, aos anseios do mundo pela felicidade e a paz.

“Esse εὐαγγέλιον imperial, como aquele do NT (Novo Testamento), tem como sua fonte o Oriente Próximo, mas as muitas mensagens imperiais são opostas do NT pelo único evangelho [...]”, que é Cristo (FRIEDRICH in KITTEL, 2013, vol.I, p. 297).

No AT (Antigo Testamento), εὐαγγέλιον aparece somente em forma plural e apenas seis vezes. De acordo com Strecker (in BALZ; SCHNEIDER, 2005, p. 1642) “o substantivo hebraico *besorâ* (בְּשֹׂרָה), em conformidade com o uso profano, significa no AT, de maneira absolutamente positiva, ‘a recompensa de vitória’ (2 Sm 4,10;18,22) ou ‘a mensagem de vitória’ (2 Sm, 18,20.25.27; 2 Rs 7,9)”.

Quanto ao verbo εὐαγγελίζωμαι, esse chega a representar o termo hebraico *bisar* (בִּשַׂר) que significa anunciar, contar, publicar. Becker (in COENEN; BROWN, 2007, p.759) afirma que “este verbo é o termo que se emprega em Sl 40:9[10];68:11[12];96:2 e segs.; Is 41:27 e 52:7 para proclamar a vitória universal de Javé sobre o mundo, o Seu reino soberano”. Este evangelho, ao ser proclamado, torna-se uma palavra em ação, pois Deus já está realizando sua obra.

Ainda no campo do AT, é necessário destacar que o significado mais religioso será alcançado mais tardiamente, em Is 40-66, passando a se referir à dimensão escatológica da salvação (BOGAERT, 2013, p. 492).

Na LXX, pode-se mencionar a aparição do termo e seus correlatos em exemplos como Is 52,7: “ὡς ὥρα ἐπὶ τῶν ὀρέων ὡς πόδες εὐαγγελιζομένου ἀκοὴν εἰρήνης ὡς εὐαγγελιζόμενος ἀγαθὰ ὅτι ἀκουστὴν ποιήσω τὴν σωτηρίαν σου λέγων Σιων βασιλεύσει σου ὁ θεός”, quando o profeta anuncia a figura de um misterioso mensageiro messiânico. E também 2 Sm 18,20: “καὶ εἶπεν αὐτῷ Ἰωαβ οὐκ ἀνὴρ εὐαγγελίας σὺ ἐν τῇ ἡμέρᾳ ταύτῃ καὶ εὐαγγελιῇ ἐν ἡμέρᾳ ἄλλῃ ἐν δὲ τῇ ἡμέρᾳ ταύτῃ οὐκ εὐαγγελιῇ οὐ εἶνεκεν ὁ υἱὸς τοῦ βασιλέως ἀπέθανεν”, quando Joab diz a Aquimaás que ele não será arauto de boas notícias a Davi, no contexto do assassinato de Absalão.

No período da tradução da LXX, o termo hebraico já havia perdido sua força semântica escatológica, voltando a significar a recompensa dada ao mensageiro pelas boas notícias. “Filo não usa o substantivo, mas Josefo usa ἡ εὐαγγελία, τὸ εὐαγγέλιον e τὰ εὐαγγελία para ‘boas notícias’, especialmente em conexão com o culto ao imperador” (FRIEDRICH in KITTEL, 2013, vol.I, p. 297).

O judaísmo rabínico, por sua vez, manteve ainda a expectativa política e escatológica quanto à figura do mensageiro de boas novas. O anúncio fundamental do mensageiro

consistiria na inauguração da era salvífica (cf. BECKER in COENEN; BROWN, 2007, p. 760).

O Jesus histórico teria utilizado εὐαγγέλιον ou seu correspondente hebraico ou aramaico para designar sua pessoa e sua mensagem? Os estudiosos respondem quase que unanimemente de forma negativa. Jesus não utilizou este termo como parte de sua pregação (STRECKER in BALZ; SCHNEIDER, 2005, p. 1642). Segundo Bogaert (2013, p. 493) Jesus utilizou por duas vezes o verbo εὐαγγελίζωμαι em Mt, 11,5 e Lc 4,18-22, referindo-se ao cumprimento das profecias de Isaías. O mesmo Bogaert (2013, p. 493) resume o uso dos vocábulos no seguinte quadro:

	Mt	Mc	Lc	Jo	At	Paulo	Hb	1Pd	Ap	Total
Subst.	4	8	0	0	2	60	0		1	76
Verbo	1	0	10	0	15	21	2	3	2	54

O verbo, contudo, sofreu uma transição para o substantivo no uso da comunidade cristã primitiva para designar a pessoa de Jesus Cristo. A respeito disso comenta Friedrich (in KITTEL, 2013, vol.I, p. 298),

a proclamação de Jesus é indubitavelmente boas-novas, e ele mesmo é aquele que proclama, de modo que temos uma transição óbvia do verbo para o substantivo. Além do mais, com a sua consciência messiânica Jesus se dá conta de que ele não está apenas trazendo um novo ensino, mas trazendo a si mesmo como o conteúdo da sua mensagem, de maneira que para os discípulos o euangélion implica desvelar o segredo messiânico. Portanto, embora o termo seja o melhor termo para o próprio Jesus, o substantivo é adequado para continuação da sua proclamação pela comunidade.

O apóstolo Paulo foi, de acordo com os exegetas, o introdutor e o grande propagador do conceito de εὐαγγέλιον dentro da compreensão neotestamentária. “Das 76 vezes em que a palavra ‘evangelho’ é empregada no NT, 60 encontram-se no corpus paulino (48 nas cartas incontestadas). Há 21 ocorrências do verbo εὐαγγελίζωμαι [...] duas ocorrências do substantivo εὐαγγελιστής [...] e uma única ocorrência de προεευαγγελίζομαι [...]” (LUTER JR., in HAWTHORNE, 2008, p. 518).

Na teologia paulina, εὐαγγέλιον tornou-se um conceito fundamental, talvez o principal. Significa a boa-nova da salvação de Deus que se realizou em Jesus Cristo por meio de sua encarnação, ministério público, paixão, morte e ressurreição. O Filho de Deus leva a cumprimento a promessa do AT e inicia uma nova dimensão, uma nova era. Contemplado sob este prisma, o εὐαγγέλιον não é apenas narrativa do passado, mas, sobretudo um ato e poder de Deus que convida à salvação através de Cristo (BECKER in COENEN; BROWN, 2007, p. 761). “Se o evangelho é uma testemunha da história da salvação, ele é em si mesmo a história da salvação, pois ele entra nas vidas humanas, as molda e constitui os indivíduos em uma comunidade” (FRIEDRICH in KITTEL, 2013, vol.I, p. 299).

Paulo empregou as seguintes expressões: “meu evangelho” (εὐαγγέλιόν μου) (Rm 2,16; 16,25; 2Tm 2,8), “evangelho de Deus” (εὐαγγέλιον θεοῦ) (Rm 1,1; 15,16), “evangelho do seu Filho” (εὐαγγελίῳ τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ) (Rm 1,9), “evangelho de Cristo” (εὐαγγέλιον τοῦ Χριστοῦ) (Rm 15,19), “nosso evangelho” (τὸ εὐαγγέλιον ἡμῶν) (1Ts 1,5; 2Ts 2,14). Essas entre outras manifestam o evangelho que Paulo afirma ter recebido por revelação divina e também mediante a acolhida de certas tradições pré-paulinas (1Cor 11,23-26; 15,3-11) (LUTER JR. in HAWTHORNE, 2008 p. 518-519).

Em 1 Tessalonicenses (1,4-6.12.16;2,7-8.12;3,2), o escrito paulino mais antigo, εὐαγγέλιον designa a pregação de Paulo que gera a comunidade e também a doutrina soteriológica e apocalíptica da salvação que acontece em Cristo que é antecipada como dom do Espírito. Já em Gálatas (1,6 e 2,7), o apóstolo identifica o evangelho genuíno, contra as tentativas de adulteração da mensagem de Cristo pelos judaizantes. Nas cartas de 1 e 2 Coríntios (4,15; 9,12ss; 2Cor 2,12; 4,3ss.; 8,18;10,14) se refere à pregação de Paulo, ao querigma e às suas exigências éticas bem como à autoridade do apóstolo como arauto da Boa-Nova. Em Romanos (1,1.3.9; 10,16;11,28;15,19;16,25) εὐαγγέλιον é apresentado como a definitiva etapa da história da salvação, cuja justificação se alcança mediante a fé em Jesus Cristo. Nas cartas de Filipenses (1,5.7.12.16.27; 2,22; 4,3.15) e Filêmon (13), Paulo evidencia o εὐαγγέλιον em sua perspectiva global, enquanto razão dos sofrimentos do apóstolo, norma moral da comunidade cristã e fundamento da fé. Em Colossenses (1,5.23.27), o evangelho aparece como palavra da verdade que associado a fé constitui um dos pilares fundamentais da comunidade. Já em Efésios (1,13s.;3,6;6,19) εὐαγγέλιον

expressa a razão de esperança e é definido como o mistério de Cristo em sua essência. Em 2 Tessalonicenses (1,8; 2,13.14;3,3.5.16) é tratada a situação de perseguição da comunidade e a esperança de punição aos desobedientes ao evangelho de Cristo. Nas cartas de 1 e 2 Timóteo (1,3-10) é destacada a imagem apostólica de Paulo e o zelo pela reta doutrina bem como os sofrimentos do apóstolo por causa do evangelho. (STRECKER, in BALZ; SCHNEIDER, 2005, p. 1642-1647).

O apóstolo, contudo, nunca elaborou uma definição sistemática sobre o evangelho. De acordo com Spallek (1993, p. 183), “Paulo não precisa definir o termo para seus leitores. Ele lhes fala verdades sobre o evangelho, descrevendo isto no processo”.

Do século II em diante este termo passará a designar um escrito e também um gênero literário peculiar.

“No decurso do século II, no entanto, ficou estabelecido ‘evangelho’ como nome de um tipo de literatura que estava sem paralelo no mundo do NT. Ao mesmo tempo, foi conservado o entendimento do termo conforme o NT, porque os quatro evangelhos dão testemunho do evangelho único, à proclamação da salvação em Jesus Cristo” (BECKER in COENEN; BROWN, 2007, p. 764).

Essas são, em resumo, algumas das conotações do termo εὐαγγέλιον e seus correlatos cuja visão paulina será melhor apresentada, discutida e problematizada no próximo item deste artigo mediante a análise de James Dunn.

2 O EVANGELHO DE PAULO NA ANÁLISE DE JAMES D. G. DUNN

Segundo Dunn, Rm 5,21 contém a base para a resposta de Deus ao domínio do pecado resumida na palavra “evangelho” (εὐαγγέλιον). Este termo se tornou uma palavra-chave na missão e na linguagem paulinas. Todo o horizonte de significado, todas as labutas, todos os desejos do apóstolo das nações girarão em torno da órbita da grande Boa-Notícia enviada por Deus ao mundo: seu Filho Jesus Cristo.

Dunn considera que o uso paulino de εὐαγγέλιον constituiu um neologismo, senão na forma, pelo menos na forma do uso (cf. DUNN, 2003, p. 207). O autor justifica sua afirmação mediante a constatação de que na LXX e em seus correspondentes hebraicos o termo em questão somente aparece no plural. O uso do singular é uma inovação paulina. “Para ser mais preciso, é muito provável que foi o próprio Paulo

quem cunhou εὐαγγέλιον como um novo termo técnico para a sua própria proclamação” (DUNN, 2003, p. 208). Paulo, de fato, fez do evangelho a síntese da mensagem cristã.

A seguir, vamos analisar alguns temas que nos permitirá entender algumas características do Evangelho na teologia paulina. São temas relacionados na obra de James Dunn: 1) conversão de Paulo ao evangelho; 2) comparação entre Jesus e Paulo; 3) a pregação missionária de Paulo; 4) perspectivas histórico-salvífica e apocalíptica do evangelho paulino e 5) as perspectivas sociais, ecumênicas e para o diálogo judaico-cristão.

2.1 A LÓGICA DA “CONVERSÃO” DE PAULO AO EVANGELHO

No livro *Jesus, Paulo e os Evangelhos*, Dunn analisa a importante questão da conversão do apóstolo (At 9, 1-19). De fato, o encontro com Cristo realizou, por assim dizer, uma revolução na forma de Paulo ler o judaísmo e sua própria vida e missão daí por diante. A resposta definitiva sobre o motivo pelo qual ele se converteu é esta: “Paulo chegou à conclusão de que Jesus de fato era o Messias de Deus” (DUNN, 2017, p. 193). Para um cristão do século XXI, acolher esta assertiva não constitui algo notável. Para Saulo, contudo, a situação era bem mais desafiadora.

Inicialmente, é importante notar que Saulo (Paulo) perseguia os seguidores do nazareno por estar piamente convencido de que Jesus não era o Messias esperado por Israel. Por isso, esta atividade constituía a seus olhos algo bom, um dever de religião.

No caminho de Damasco, entretanto, tudo mudou. Paulo apresenta num tom apocalíptico a revelação que teve do Cristo que foi ao seu encontro (1 Cor 9,1;15,8; Gl 1,15-16; Fl 3,7-11). “Paulo deve ter sofrido um golpe que o abalou e o convenceu de que estava totalmente errado a respeito de Jesus. Ele se converteu para o que anteriormente havia negado” (DUNN, 2017, p. 193). A respeito disso, comenta ainda Heyer (2009, p.49):

De fato, para Paulo havia um só aspecto de essencial importância. Tudo o quanto viu no céu ficou obscurecido pela figura de uma única pessoa: Jesus. Por isso é que, em sua carta aos Gálatas, Paulo

registra sua fantástica oração: 'Deus resolveu me revelar seu Filho' (Gl 1,15-16).

A conversão representou para Paulo a abertura para a admissão de um fator que, inicialmente, ele mesmo não aceitava, a saber, a extensão da Boa-Nova aos pagãos, conforme Paulo mesmo relata em Gl 1,15-16. Mais que isso, ele entende que Jesus através desta revelação lhe confere um encargo, a missão *ad gentes* (Gl 1,1.11-12; 1 Cor 9,1; Rm 11,13; Gl 2,7-9).

Esta mudança de orientação não significou para Paulo uma apostasia do judaísmo. Segundo Dunn (2017, p. 194), "muito pelo contrário, como apóstolo de Jesus Cristo, ele também foi apóstolo de Israel e não um apóstata de Israel. Sua missão visou cumprir a incumbência de Israel de ser luz para os pagãos". Deus justificará circuncisos e incircuncisos mediante a fé. Este é o enunciado central da carta aos Romanos.

Na verdade, eu não me envergonho do evangelho: ele é força de Deus para a salvação de todo aquele que crê, em primeiro lugar do judeu, mas também do grego. Porque nele a justiça de Deus se revela da fé para a fé, conforme está escrito: O justo viverá da fé (Rm 1,16-17).

Paulo analisa a justiça de Deus para além de um mero universalismo. Ele entende que a barreira entre judeu e pagão foi derrubada por Deus em Jesus Cristo. A fé se constituiu agora na via de acesso à salvação.

Esta nova perspectiva é confirmada pelo derramamento do Espírito Santo sobre os incircuncisos. "Isso inclui o fato de que a mesma graça foi concedida aos pagãos unicamente em virtude de terem no evangelho de Jesus Cristo e sem serem circuncidados" (DUNN, 2017, p. 196). Episódios como os registrados em At 10-11, da conversão de Cornélio ao cristianismo e de Pedro, à aceitação dos pagãos são sintomáticos desta expansão. Igualmente na carta aos Efésios (2,12-13), Paulo insiste em resumir a missão salvífica de Cristo na admissão dos pagãos à salvação. Cerfaux (2012, p. 532) destaca que "o tema do mistério de Cristo, fundamental em Efésios, funde-se frequentemente com o do Evangelho, característico das grandes Epístolas".

2.2 PARALELOS ENTRE JESUS E PAULO

Dunn inicia sua exposição do capítulo 5 da obra *Jesus, Paulo e os Evangelhos* tratando do distanciamento entre Jesus e Paulo destacado pelos estudos do Novo Testamento dos últimos dois séculos. Ele se questiona acerca do grau de conhecimento que o apóstolo teve a respeito da vida e da mensagem de Jesus. De fato, os estudos sobre o Jesus histórico revelaram algumas diferenças em relação à pregação de Paulo, que Dunn resume nos pontos apresentados a seguir.

Em primeiro lugar, Jesus anunciou o Reino; Paulo proclamou Jesus. O texto de Mc 1,15 é programático a fim de mostrar a centralidade do Reino de Deus como a mensagem e a missão de Jesus. Por outro lado, Paulo centraliza sua pregação no mistério de Cristo crucificado e ressuscitado e muito pouco se refere ao Reino de Deus (DUNN, 2017, p. 130).

O segundo ponto se refere aos destinatários da mensagem, pois enquanto Jesus se voltava quase que exclusivamente a Israel, Paulo por seu turno, dirige o anúncio aos pagãos. Em passagens como Mt 10,6 e Mt 15,24, Jesus lembra a primazia de Israel como alvo de seu ministério. Já Paulo se autodenomina “apóstolo dos pagãos” (Rm 11,13). Isso causou grande incômodo à Igreja de Jerusalém (At 21,20-21).

Em terceiro lugar, Dunn argumenta que Jesus foi um rabi judeu enquanto Paulo recebeu influências das religiões e da política de seu tempo. A Escola da História das Religiões chegou a afirmar que a proclamação de Jesus como crucificado e ressuscitado, Paulo teria adaptado de cultos místéricos. Essas questões levaram Paulo a ser considerado por muitos estudiosos como o segundo fundador do cristianismo, o mais influente (DUNN, 2017, p. 131).

Após apresentar estes hiatos, James Dunn passa a procurar pontos de contato entre Jesus e Paulo, os quais são concentrados nas seguintes categorias: 1) A abertura da graça de Deus; 2) A tensão escatológica e o Espírito; 3) O mandamento do amor.

Quanto à abertura à graça de Deus, Jesus centralizou sua mensagem no Reino de Deus, uma esperança judaica que ele afirmou ter o início do cumprimento em sua pessoa. Os textos de Mt 11,3-5 e Lc 7,19.22 sintetizam esta expectativa e evidenciam a sua realização. “Os exorcismos de Jesus eram evidência de que ‘o Reino de Deus

chegou até vós' (Mateus 12,28/Lucas 11,20)" (DUNN, 2017, p.133). Jesus dirige seu chamado para os pecadores e não para os justos. Entenda-se aqui 'pecadores' não como criminosos, mas sim como praticantes de um judaísmo diferente da facção dominante: os fariseus. A Boa-nova de Jesus tem como destinatários os pobres na versão lucana. "Pois Lucas deixa claro que a bênção de Jesus foi para os pobres isto é, os materialmente pobres: 'Abençoados sois vós, os pobres' (Lucas 6,20)" (DUNN, 2017, p. 136).

O apóstolo Paulo, em seu 'evangelho' igualmente acentua algumas características que guardam conexões com Jesus e sua mensagem. Primeiramente, a teologia da justificação paulina enquanto realização presente mediante a fé em Jesus Cristo mostra o alargamento da perspectiva da graça. "A abertura da graça de Deus através da missão de Jesus tornou-se ainda mais aberta através da morte e ressurreição de Jesus" (DUNN, 2017, p. 139). Em segundo lugar, a expansão da Boa-nova para os pagãos talvez seja, de acordo com Dunn, a maior contribuição dada por Paulo ao cristianismo. O mesmo James Dunn (2017, p. 140) afirma "como Jesus rompeu as fronteiras dentro de Israel, Paulo rompeu a fronteira ao redor de Israel". O episódio paradigmático de tal ruptura, temos no incidente de Antioquia, de acordo com Gl 2,11-17. Por último, neste primeiro tema de conexão, há a insistência de Paulo no auxílio aos pobres. Em Gl 6,2 Paulo coloca a caridade, assim como em Rm 15,31 designada como um carisma, como cumprimento da lei de Cristo, enquanto opção fundamental oriunda do próprio Jesus (DUNN, 2017, p.141).

No tocante à tensão escatológica e o Espírito, Dunn relata que Jesus anunciava o Reino de Deus como já presente em suas ações, mas também como uma esperança futura. Como entender isso? A explicação para este 'já' e 'ainda não' se encontra no fato de que a realização inicial se deu pela vivência do ministério de Jesus pautado nos valores do Reino. O Espírito é quem torna este reino antecipadamente presente mediante sua ação até a consumação final (DUNN, 2017, p. 142-143).

Em Paulo, a tensão escatológica tem seu início do Batismo e a sua gradativa realização no processo da morte do velho homem e da ressurreição da nova criatura. Contemplada sob este prisma, a justificação em Paulo adquire o significado de

fidelidade ao projeto de Deus, embora não exclua a recompensa por boas obras (cf. Rm 2,12-13; 2Cor 5,10).

Nesta perspectiva, surge então o Espírito como palavra-chave para compreender esta realização. “Para Paulo, o Espírito é o poder de Deus que gradativamente transforma os crentes na imagem do seu Senhor (2 Coríntios 3,18)” (DUNN, 2017, p. 145). Tanto que, para Paulo, o Espírito de Deus passa a ser sinônimo do Espírito de Cristo. De acordo com Barclay (2018, p. 305) “Paulo considera a vinda de Cristo uma mudança mais radical com base em sua experiência do Espírito: uma escatologia realizada com tal poder existencial que estava fadada a relativizar o que quer que tenha vindo antes”.

Por último, em relação ao mandamento do amor, nos deparamos com o hipotético conflito de Jesus e, posteriormente, de Paulo com a Lei. Hipotético, porque Jesus nunca negou a validade da Lei (Mt 5,17-19; Mc 12,29-31), muito menos os seus preceitos (cf. Mc 2,23-3,5; Mt 15,16-20). Jesus questionou a vivência da Lei sem amor ao próximo (DUNN, 2017, p.146-148).

O aparente conflito marca presença também na teologia paulina. “Tanto em Romanos quanto em Gálatas, Paulo parece formular uma acusação condenatória da lei com o único propósito de rejeitar tal acusação” (DUNN, 2017, p. 149). O apóstolo sustenta, de acordo com a análise de Dunn, que algumas funções da Lei já não fazem mais sentido como, por exemplo, a circuncisão. O sinal distintivo agora é o mandamento do amor, vivido concretamente (Rm 13,9; Gl 5,14). Este é o grande ponto de convergência entre Jesus e Paulo.

2.3 O CONTEÚDO DA PREGAÇÃO MISSIONÁRIA DE PAULO

Dunn nas obras *Unidade e diversidade no Novo Testamento* e *O cristianismo em seus inícios: começando desde Jerusalém (Vol 1)* questiona acerca da possibilidade de se chegar a uma noção clara do que o apóstolo Paulo pregava em cada cidade, ou seja, o conteúdo de seu evangelho.

De início nos deparamos com uma primeira barreira, pois suas cartas constituem uma evangelização em segunda etapa. Dunn (2009, p. 87-88) justifica dizendo que “[...] não é tão fácil descobrir a pregação missionária de Paulo a partir de suas cartas, visto

que são dirigidas àqueles que já são convertidos e se referem somente à pregação que conduziu às conversões”.

Apesar desta impossibilidade inicial em definir o querigma paulino, Dunn aponta para as fórmulas querigmáticas e confessionais como resumos do evangelho de Paulo. O apóstolo teria utilizado uma série de temas para a pregação, variando-os de acordo com a ocasião, o local e o público.

A primeira fórmula querigmática é 1 Ts 1,9 através da qual Paulo recorda aos Tessalonicenses que eles se converteram dos ídolos ao Deus vivo. Este era, muitas vezes, o tema de anúncio que Paulo utilizava fora da sinagoga. “O evangelho de Paulo conseguiu a conversão de politeístas à fé no Deus único, criador de todas as coisas” (DUNN, 2012, p. 664). Textos similares são Gl 4,8-9; 1Cor 8,4-6; 2Cor 5,18-20. Esta perspectiva é um dos elementos de unidade com o pensamento judaico.

A segunda expressão é Cristo crucificado, presente em 1Cor 1,23 e 2,2. Paulo anunciou sua mensagem com epítetos tais como “Evangelho de Cristo” (Rm 15,19; 1 Cor 9,12; 2 Cor 2,12;4,4;9,13;10,14; Gl 1,7; Fl 1,27; 1 Ts 3,2), o “Evangelho do seu Filho” (Rm 1,9), o “Evangelho do Senhor” (2 Ts 1,8). O apóstolo, contudo, associa à figura do Messias/Cristo a realidade cruel e infame da crucifixão. De fato,

a pregação de Paulo acerca de Jesus girava principalmente sobre a sua crucifixão, era a ‘pregação da cruz’ (1 Cor 1,18), segundo a qual aquela execução infame não foi uma negação da messianidade de Jesus, mas na verdade uma expressão da sabedoria contra cultural do arcano desígnio de Deus. (DUNN, 2012, p. 666).

Outros textos, tais como 1 Cor 2,2; 15,3; Gl 3,1 mostram a solidez na crença de que Jesus Messias morreu crucificado em expiação dos pecados. Isso já constituía um dado fundamental e essencial para ser batizado. Paulo, assim como os primeiros cristãos, foi reler as Escrituras para encontrar a conexão entre a figura do Messias crucificado e o desígnio amoroso de Deus (1 Cor 1,22-25).

A ressurreição constituiu para Paulo o segundo ponto essencial de sua mensagem. “Porque, se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo” (Rm 10,9). Esta é a terceira característica do evangelho de Paulo. Sem a aceitação deste dado fundamental a fé

se torna vazia (1 Cor 15,12-17). De acordo com Dunn (2012, p. 668), o plano apocalíptico de Deus teve o seu ápice na ressurreição do seu Filho, que constitui o início da nova criação à luz da qual todo batizado deve viver.

A quarta expressão que revela conteúdo original da pregação paulina está em Rm 10,9: Jesus é Senhor. Após a descida entre os mortos, Deus teria exaltado seu Filho ao posto de Senhor. Tal ideia possuiu, aos olhos dos primeiros cristãos, comprovação no Sl 110,1. Dunn (2012, p. 669) comenta que “a condição de Senhor atribuída a Cristo era ainda mais central em Paulo e figurou em sua pregação como uma parte proeminente”. Tratava-se de uma confissão de cunho batismal e ressaltava aos cristãos seu compromisso de entregar-se totalmente a Cristo, principalmente na honradez da vida moral. Outros textos destacam este aspecto: 1Cor 1,2; 2Cor 4,5; Rm 10,12-14.

Outro conteúdo querigmático de Paulo diz respeito a esperar a vinda do Filho dos céus, conforme 1 Ts 1,10. Trata-se aqui da parusia e do dia do juízo que virá por ocasião da volta de Cristo: o dia do Senhor (DUNN, 2012, p.671). A esperança apocalíptica de Paulo, de fato, alimentou e impulsionou sua missão, muito embora o apóstolo tenha compreendido que o retorno de Jesus não se daria tão rapidamente.

A perícopes de Gl 2,16 acentua a fé como resposta essencial dos convertidos. “O que Paulo buscava nos convertidos se resume numa só palavra: ‘fé’: a mensagem que ele pregava era ‘a palavra da fé’. Cristãos são ‘os que creem’ ou, mais explicitamente, os que creem/têm fé em Cristo [...]” (DUNN, 2012, p. 672). Paulo pedia em sua pregação a fé como resposta e conseqüente adesão mediante o batismo.

Receber o dom do Espírito também é um conteúdo fontal no evangelho missionário de Paulo. É uma promessa feita pelo apóstolo àqueles que se convertessem. De acordo com Dunn (2012, p. 675), Paulo apresenta o dom do Espírito muito mais em relação à fé do que ao arrependimento e perdão dos pecados. Quando o Espírito de Deus habita na pessoa, ela passa a uma forma de vida superior. Textos aduzidos como exemplificação são: Rm 8,15; 1Cor 2,12; 12,13; 2 Cor 1,21-22; 3,3; Gl 3,2-3; 4,6; 1 Ts 1,6; 4,8.

O penúltimo tema da pregação paulina é a tradição da instituição da Ceia do Senhor (1 Cor 11,23-26). “Foi precisamente o papel desempenhado por ela em manter diante da comunidade a centralidade de Cristo (mediante a comunhão com o corpo e o sangue de Cristo [10,16]) e de sua morte o que deu à comida em comum da Igreja seu caráter distintivo frente às comidas compartilhadas de outras instituições e sociedades” (DUNN, 2012, p. 675).

Por fim, James Dunn destaca ainda as exortações éticas aos batizados. A partir de textos como Rm 6,3-4 e 7,6 é possível perceber o tom parenético empregado por Paulo. Em suas cartas, o apóstolo não se cansa de exortar os cristãos a viverem para agradar a Deus, sendo coerentes com o batismo e evitando os vícios. Outras perícopes sintomáticas são: 1 Ts 4,1-8; Gl 5,25; Rm 8,13. Estas são, em síntese, algumas das expressões possivelmente originais do querigma paulino deduzidas de suas cartas.

2.4 PERSPECTIVAS DO EVANGELHO DE PAULO: HISTÓRICO-SALVÍFICA E APOCALÍPTICA

Uma das temáticas mais debatidas atualmente no que se refere à teologia paulina é a que discorre sobre a originalidade e novidade do evangelho do Apóstolo das Nações. Duas tendências disputam espaço em relação as notas características do Evangelho de Paulo. Oriunda do debate do século XX, a primeira é a perspectiva da *heilsgeschichtliche* (histórico-salvífica), que realça a continuidade da proclamação de Paulo com as promessas do Antigo Testamento e seu cumprimento em Cristo. Do outro lado, a perspectiva apocalíptica que acentua a ruptura marcada pela dimensão escatológica. Diante disso, o que dizer: Paulo segue a linha histórico-salvífica ou apocalíptica?

Dunn inicia sua exposição alertando que as duas tendências se constituem como reações diante dos excessos de certas determinações na hermenêutica paulina. A perspectiva histórico-salvífica ganhou força enquanto reação contra a excessiva contraposição entre evangelho e Lei, típica da teologia luterana. Já a tendência apocalíptica ergueu-se diante do esvaziamento da dimensão apocalíptica em prol de uma escatologia realizada (DUNN, 2011, p.361-362). As duas perspectivas se movem em diferentes direções, mas podem se manter juntas. A questão da relação e ao

mesmo tempo tensão das duas perspectivas é importante. Dela depende nossa compreensão da necessidade do evento-Cristo em relação à cruz e ressurreição, e a relação do cristianismo com Israel e a religião do Antigo Testamento (cf. Dunn, 2011, p.363)

Podemos elencar na obra de Dunn os seguintes argumentos em prol da corrente que defende a continuidade do evangelho com o judaísmo:

1-O lembrete de que a própria noção de “evangelho” possui em seu âmago a esperança pelo cumprimento de promessas antigas. Dunn cita o embate entre Strecker, que defendia que a noção de εὐαγγέλιον originário da linguagem do culto ao imperador, e Stuhlmacher, que propõe a base bíblica de Is 61,1-2 como fundamental à compreensão do uso do termo. Dunn dá razão a este último, pois o termo era derivado do próprio uso que Jesus fazia do termo em Is 61,1-2, quando expôs seu programa na sinagoga de Nazaré (Lc 4,18).

2- A linguagem e a teologia da justiça divina e do ato da justificação pela fé em Rm 1,16-17 e Gl 2,14-16, expressam a mesma teologia e com linguagem bem semelhante que se encontra nos Salmos e no Segundo Isaías. Essa seria a verdade do Evangelho com o enfoque particular na “justiça de Deus pela fé e a partir da fé” (cf. DUNN, 2011, p. 365-366).

3-Paulo caracteriza o seu evangelho como “o evangelho de Deus” (Rm 15,16; 2Cor 11,7; 1Ts 2,2.8.9). Este fator implica uma leitura de continuidade com as Escrituras. Dunn (2011, p. 366) ressalta que “o conteúdo-chave do evangelho (“a justiça de Deus”) era para Paulo inteiramente adotado das categorias e da teologia de “a Lei e os profetas”. Da mesma forma, em Gl 3.8, Paulo afirma a existência do evangelho no tempo de Abraão numa linha de argumentação que conecta o evangelho com a promessa feita a Abraão em Gn 12,3;18,18 (DUNN, 2011 p. 366).

4-Dunn mostra que a justificação pela fé é uma ideia que têm seu modelo a pessoa de Abraão (Rm 4; Gl 3). Trata-se de um aspecto fundamental para a auto compreensão cristã, pois ressalta que o evangelho de Cristo é o cumprimento da promessa de Deus que iniciou com Abraão (DUNN, 2011, p. 367). Sobre este assunto, conclui Dunn (2011, p. 369) que “a linha da continuidade e cumprimento era tão central

para o evangelho que Paulo teria julgado que o próprio evangelho teria falhado se tal linha tivesse sido definitivamente interrompida”. Em última análise “foi a convicção de que os desígnios de Deus estavam sendo realizados no Messias Jesus que deu a Paulo a chave hermenêutica para ler e entender as Escrituras” (DUNN, 2003, p. 213). O elemento da descontinuidade, ou da ruptura apocalíptica, de acordo com a análise de James Dunn, é mais difícil evidenciar claramente.

Partindo da morte e ressurreição de Jesus, a cruz se torna um potente símbolo apocalíptico. A cruz apresenta-se “como uma espécie de ponto de ruptura na história, de forma que a antiga criação fosse substituída pela nova” (DUNN, 2011, p. 369). “De fato, parece que Paulo já não tem olhos senão para olhar para Jesus na cruz, porque ali descobre a ação redentora de Deus na história” (ARBIOL, 2018, p. 173). Textos que mostram essa característica são, por exemplo, Gl 2,19; 6,14-15; 2Cor 5,16-21; Rm 6,3-6;7,4-6. A própria ressurreição em si é oriunda de um contexto apocalíptico com referências tais como Dn 2,12; 1 Hen51,1-2; 2 Br 50,2; Mt 27,52-53. Ao afirmar a ressurreição de Jesus, Paulo conclui que “o curso normal da história foi completamente rompido; entrou em cena uma dimensão da realidade totalmente nova e qualitativamente diferente, uma dimensão que deixa a antiga completamente para trás” (DUNN, 2011, p. 370).

A partir de textos como Rm 6,9 e Gl 1,4, entre outros, fica mais claro que a estrutura e o caráter do evangelho de Paulo são essencialmente apocalípticos. Com diversas expressões, Paulo anuncia que a ressurreição de Cristo impõe à história duas eras. Ao tentar expressar a novidade escatológica da ressurreição, o apóstolo se serve de certas antinomias, a saber: aliança do Sinai/aliança da promessa, Jerusalém do alto/Jerusalém terrestre, vida na carne/vida no Espírito. Dunn esclarece de forma conclusiva este ponto:

[...] que o evangelho de Paulo era fundamentalmente moldado numa perspectiva apocalíptica, o que era inevitável diante da força constitutiva da ressurreição e do Espírito derramado na auto compreensão cristã; e que isto provocou inevitavelmente uma ênfase na descontinuidade entre a antiga e a nova era, nas quais o senso de pertencer ao escatologicamente novo relegou todo o resto, inclusive a história de Israel, para o antigo e o pintou com as sombras não só da promessa não cumprida, mas também da dominação pela carne e pelos poderes malignos (DUNN, 2011, p. 373).

Encerrando este tópico, faz-se importante apresentar a questão colocada por Dunn: como lidar com estas dimensões aparentemente contraditórias? James Dunn, seguindo os argumentos de alguns exegetas apresenta três possibilidades.

Uma é aceitar que a tensão chega a ser destrutiva e irresolúvel, para depois tentar lidar com ela nos termos aceitos. A segunda é tentar lidar com a tensão em termos que poderiam ser chamados aproximadamente de “retóricos”: a tensão seria, no caso, uma expressão do estilo apologético de Paulo. A terceira tentativa consiste na procura de uma solução em termos mais teológicos: a própria tensão é efetivamente também constitutiva do evangelho; as duas perspectivas juntas seriam integrais à coerência do evangelho de Paulo (DUNN, 2011, p. 374).

James Dunn conclui pela harmonia entre as duas correntes: histórico-salvífica e apocalíptica imbrincadas uma na outra: “A perspectiva apocalíptica de Paulo era parte da própria herança judaica de Paulo, parte do que poderíamos chamar de continuidade histórico-salvífica entre o judaísmo do Segundo Templo e o cristianismo” (DUNN, 2011, p. 378). Além disso “um apocalipse era em si mesmo uma maneira de reafirmar a continuidade entre o passado e o futuro, sendo ambos provenientes de Deus” (DUNN, 2011, p. 379)³. Nessa visão de continuidade entre as duas perspectivas está o termo médio, uma perspectiva não nega a outra. Wright (2009, p.77) apontava essa continuidade e tensão: “Não podemos expor a teologia de Paulo sobre a Aliança procurando transformá-la em progressão suave e firme do cumprimento histórico, mas também não podemos imaginar uma espécie de visão apocalíptica segundo a qual nada do que aconteceu antes tivesse algum valor”. Na morte e ressurreição de Jesus Paulo acreditava que as promessas se haviam cumprido, e algo novo e extraordinário teria irrompido no mundo.

2.5 O EVANGELHO DE PAULO: DIMENSÃO ECUMÊNICA E SOCIAL

Dunn conclui sua reflexão na obra *Jesus, Paulo e os Evangelhos* com alguns apontamentos acerca das dimensões do diálogo judaico-cristão. Aborda também as dimensões sociais do evangelho de Paulo.

³ Diferentemente de Dunn, Arbiol prefere caracterizar a mensagem de Paulo como dimensão escatológica, afastando-se assim dos perigos da carga semântica negativa da interpretação apocalíptica vigente no tempo de Jesus. Segundo Arbiol, Paulo acredita que a definitiva intervenção de Deus já aconteceu através da morte e ressurreição de Jesus (ARBIOL, 2018, p. 165-166).

Em relação ao diálogo judaico-cristão, Dunn afirma que o evangelho paulino suscita agudas questões de ambos os lados. Paulo poderia questionar seus interlocutores judeus acerca do conceito de santidade vivido por eles, da exclusividade do seu chamado a ser povo de Deus ou do alcance da promessa feita a Abraão, que deveria abranger todas as nações (DUNN, 2017, p. 202). Do mesmo modo, os leitores judeus poderiam questionar Paulo se em seu modo de pensar haveria a possibilidade de judeus e pagãos um dia formar uma comunidade e partilhar a mesma mesa sem ter de retirar pontos essenciais da identidade judaica, como por exemplo, as leis referentes aos alimentos. Esses questionamentos duros são, segundo argumenta Dunn, motivo para trazer a teologia de Paulo novamente para o diálogo (DUNN, 2017, p. 203).

Quanto à dimensão social do evangelho de Paulo, Dunn destaca que o apostolado aos pagãos constitui o centro e o resumo da missão de Paulo. Contemplar esse aspecto de maneira secundária seria o mesmo que desqualificar o coração do evangelho do apóstolo. “Não era evangelho a não ser que significasse isto: judeu e pagão podem adorar juntos, podem sentar-se à mesma mesa, formar juntos um só corpo, uma só congregação cúltica” (DUNN, 2017, p. 203). Disso se depreende a seguinte consequência: “se o evangelho não tivesse um efeito social, se não produzisse a eliminação de antagonismos e desarmonias raciais e nacionalistas, não seria o evangelho” (DUNN, 2017, p. 204).

O terceiro apontamento conclusivo de Dunn é a respeito da dimensão ecumênica do evangelho paulino. Dunn serve-se do texto de Gl 2,16, que trata da justificação pela fé em Jesus Cristo para questionar cristãos que se atém tão ferrenhamente às suas tradições particulares a ponto de considerarem impossível a unidade. Para estes, Dunn (2017, p. 205) diz:

E eles efetivamente atribuem às suas tradições e crenças distintivas a mesma importância que ao próprio evangelho, a mesma importância que a fé em Cristo, a mesma importância que ao estar em Cristo. Eles negam Paulo frontalmente: eles afirmam com suas ações que a pessoa não é justificada somente pela fé, mas tem que observar também certas obras da tradição.

3 A GUIA DE CONCLUSÃO

Finalizando nosso artigo destacamos alguns aspectos da teologia paulina em relação ao chamado Evangelho de Paulo:

1- O Evangelho de Paulo, segundo Dunn, é o Evangelho de Deus (Rm 15,16; 2Cor 11,7, 1Ts 2,2.8.9) em continuidade com as Escrituras. O tema da “justiça de Deus” central no Evangelho de Paulo foi adotado das categorias da Lei e dos Profetas. Igualmente o tema da justificação pela fé tem seu modelo nas Escrituras em Abraão (Rm 4; Gl 3). Portanto o verdadeiro evangelho não interrompe a continuidade com o Antigo Testamento. O εὐαγγέλιον é a experiência da salvação recebida como dom em Jesus Cristo. Portanto este evangelho está em plena sintonia com os Sinóticos e é, ao mesmo tempo, cumprimento das promessas antigas e a inauguração de uma nova era para aqueles que o acolhem.

2-O autor menciona os pontos de Contato entre Jesus e Paulo em três temas fundamentais: na abertura da graça de Deus, na tensão escatológica, e no mandamento do amor. Dunn julga hipotético o conflito de Jesus com a Lei e posteriormente de Paulo. Jesus nunca negou a validade da Lei (Mt 5,17-19; Mc 12,29-31), muito menos os seus preceitos (p.ex. Mc 2,23-3,5; Mt 15,16-20). Jesus sim questionou a vivência da Lei sem amor ao próximo (DUNN, 2017, p.146-148). A dimensão salvífica da morte e ressurreição de Cristo nos Evangelhos é retomada por Paulo (cf. Konings, 2009, p.18), sendo elemento fundamental de continuidade entre a teologia paulina e a teologia dos evangelhos.

3-Em que consistiria então a novidade do Evangelho de Paulo em relação aos Evangelhos? Em nossa visão seria mostrar a continuidade da perspectiva histórico salvífica com a perspectiva apocalíptica. Segundo Dunn a ressurreição de Jesus, deve ser vista nessa perspectiva apocalíptica pois interrompe o curso normal da história e faz entrar nela uma dimensão nova. Isso se revela no pensamento de Paulo, com o uso de antinomias: Aliança do Sinai X Aliança da Promessa; Jerusalém terrestre X Jerusalém do alto; carne X espírito. No entanto essa tensão entre novo e antigo é constitutiva do Evangelho de Paulo. As duas correntes histórico-salvífica e apocalíptica são particularidades judaicas pois a perspectiva apocalíptica é parte da herança judaica. A apocalíptica é também maneira de reafirmar a continuidade entre

passado e futuro pois ambos provêm de Deus. Além do mais Dunn amplia a compreensão do Evangelho, que ele chama Evangelho de Paulo. Destaca o efeito social e ecumênico, pois o evangelho visa eliminar antagonismos e desarmonias raciais: Judeu e pagão podem adorar juntos e comer da mesma mesa. Se Jesus rompeu as fronteiras dentro de Israel, Paulo rompeu a fronteira ao redor de Israel (DUNN, 2017, p. 140) com um evangelho mais inclusivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARBIOL, C. **Paulo na origem do cristianismo**. 1.ed. São Paulo: Paulinas, 2018.
- BALZ, H.; SCHNEIDER, G. **Diccionario Exegético del Nuevo Testamento**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005. Vol 1.
- BARCLAY, J. **Paulo e o Dom**. 1.ed. São Paulo: Paulus, 2018.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. 5.imp.rev. São Paulo: Paulus, 2008.
- BOGAERT, M. et al. **Dicionário enciclopédico da Bíblia**. 1.ed. São Paulo: Loyola: Paulus: Paulinas, 2013.
- BROWN, R. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CERFAUX, L. **O cristão na teologia de Paulo**. 1.ed. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2012.
- COENEN, L.; BEYREUTHER, E.; BIETENHARD, H. **Diccionario Teologico del Nuevo Testamento**. 3.ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1990. vol 2
- COENEN, L.; BROWN, C. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2007. vol.1
- DUNN, J. **A nova perspectiva sobre Paulo**. Santo André: Academia Cristã; Paulus, 2011.
- DUNN, J. **A Teologia do apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2003.
- DUNN, J. **Christology in the making: an inquiry into the origins of the doctrine of the Incarnation**. 2.ed. Londres: SCM Press Ltd, 1992.
- DUNN, J. **El cristianismo em sus comienzos II: comenzando desde Jerusalém**. Navarra: EVD, 2012.
- DUNN, J. **Jesus, Paulo e os Evangelhos**. 1.ed. Petrópolis: Vozes, 2017.
- DUNN, J. **Unidade e diversidade no Novo Testamento: um estudo das características dos primórdios do cristianismo**. Santo André: Editora Academia Cristã, 2009.
- GOPPELT, L. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

HAWTHORNE, G. et al (Orgs.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. 2.ed. São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008.

HEYER, C. **Paulo, um homem de dois mundos**. 1.ed São Paulo: Paulus, 2009. (Coleção Bíblia e sociologia).

KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. 1.ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013. Vol I.

KONINGS, J. **Paulo, Jesus e os Evangelhos**. Theologica, Braga, 2ª série, 44, 1 (2009). Disponível no <site:<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13180/1/Konings.pdf>>. Acesso em 21/05/2018.

SPALLEK, A. **The origin and meaning of Euangélion in the Pauline Corpus**. Artigo. Disponível no site: <www.ctsfw.net/media/pdfs/spallekoriginandmeaning.pdf>. Acesso em 23/06/2018.

NESTLE, E.; NESTLE, E.; ALAND, B.; ALAND, K.; KARAVIDOPOULOS, J.; MARTINI, C. M.; METZGER, B. M. **Novum Testamentum Graece**. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

WIESE, W. **Elementos da nova perspectiva sobre Paulo a partir de representantes clássicos**. Artigo. Disponível no site:<http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/2722/pdf>. Acesso em 28/06/2018.

WRIGHT, N.T. **Paulo. Novas Perspectivas**. São Paulo: Loyola, 2009.